

RELATÓRIO SOBRE AS ATIVIDADES DOS MADEIREIROS NO

PIN ANUNSU / ÁREA INDÍGENA VALE DO GUAPORÉ.
FUNDAÇÃO NACIONAL DO Índio

FUNAI

Administração Regional Nilópolis

Em, 06 junho 93.

Protocolo n.º 0817/93

Rótulo EP

Data 12/06/93

Avisados de que o barulho de tratores estava sendo escutado dentro da Área Indígena, próximo ao PIN ANUNSU, os indígenas do PIN MANAIRISU se deslocaram para o ANUNSU e no dia 29 de maio último, aproximadamente vinte indígenas rumaram para o local das máquinas, armados de espingardas e dispostos a atirar nos invasores. Eles andaram na mata por um dia e voltaram sem nada ter encontrado. Coincidentemente, desde aquele dia o barulho cessou. Os indígenas do PIN MANAIRISU prometeram voltar a procurar as máquinas quando os trabalhos reiniciassem. A invasão na área estava se processando através da BR-364.

Mais recentemente, no dia 04 de Junho houve outra invasão de madeireiros, distante uns oito quilômetros de PIN ANUNSU, desta vez através da estrada que limita as fazendas de pecuária com a Área Indígena. Fui ao local com alguns índios e as máquinas já haviam saído. Deixaram cortadas cinco árvores de cerejeiras e não levaram nenhuma porque saíram com pressa do local. Comuniquei esse fato ao chefe do PIN MANAIRISU, Sr. Cavalcante, e ele compareceu ao ambiente trazendo alguns índios e uma motosserra para cortar e inutilizar as cerejeiras caídas. Feito isso, ele regressou ao MANAIRISU.

No dia imediato a esse acontecimento, compareceram alguns indígenas ao PIN ANUNSU, entre eles VICENTE NAMBIQUARA, LOURENÇO NAMBIQUARA e INOCÊNCIO ALANTESU, todos eles com forte participação na venda de madeira da Área Indígena Vale do Guaporé, aliados aos madeireiros da região. Ao todo eram dez indígenas NAMBIQUARA e vieram conversar com a comunidade ANUNSU, para convencê-la a vender madeira. A maioria dos índios visitantes estavam armados de espingardas. O indígena INOCÊNCIO ALANTESU me mostrou a sua espingarda nova, de grosso calibre, e logo em seguida falou que iria atirar no Cavalcante, chefe do PIN MANAIRISU e tomar-lhe o veículo Toyota, porque ele estava impedindo os índios do ANUNSU e MANAIRISU de venderem madeira. Essa é uma ameaça que não deve ser desprezada e provavelmente os madeireiros estão insuflando esse índio a tomar atitude hostil contra o funcionário da FUNAI, acima citado.

No PIN ANUNSU há um índio jovem, chamado PEDRO, que já mantém um vínculo muito estreito com os NAMBIQUARA e ALANTESU, tendo inclusive ganhado um carro Toyota velho. Ele passa longos períodos fora da aldeia e faz visitas rápidas e esporádicas à sua família que

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL

Data

Cod. NAD00180

13/7/93 Arquivo
ISA

mora no PIN ANUNSU. Possuindo alguns bens materiais que os outros índios não possuem, e portando ostensivamente uma carteira cheia de dinheiro, ele aguça a curiosidade da comunidade e cria o desejo nos seus compatriotas de terem os mesmos objetos com a mesma facilidade. Pois esse índio está sendo usado como ponta de lança e aos poucos vai minando a resistência da comunidade indígena. A situação dessa pessoa já está provocando um mal estar entre as comunidades indígenas MANAIRISU e ANUNSU, sendo estes últimos acusados de vender madeira. Com efeito, há fortes indícios de que o PEDRO ANUNSU esteve envolvido indiretamente na última invasão ocorrida próximo ao PIN ANUNSU. O quadro tende a se agravar e pode provocar conflito armado entre indígenas pró e contra madeireiros. Pode também acontecer o contrário, isto é, a comunidade MANAIRISU, a mais numerosa do Vale do Guaporé, ser cooptada e passar a apoiar os madeireiros, o que seria lamentável e desastroso.

Por tudo isso e muito mais, a FUNAI não deveria tardar em tomar uma decisão firme, visando estancar a abundante e escandalosa saída de madeira no ponto mais crítico da Área Indígena - região do rio Novo e rio Dois Irmãos - área cortada pela BR-364. Não adianta pedir a compreensão dos índios para que deixem de apoiar os invasores, pois os madeireiros lhes compram a confiança, oferecendo carros velhos, alimentos, roupas, aparelhos eletrônicos, etc. O mal tem que ser atacado na sua origem, isto é, os madeireiros. Se eles não tiverem condições de escoar os mognos e cerejeiras que retiram das áreas indígenas, a invasão cessará automaticamente. Para isso acontecer seria necessário a implantação de dois postos de Vigilância nos dois sentidos da BR-364, próximo a área indígena, composto de elementos da Polícia Federal, FUNAI e IBAMA.

Ainda a respeito de PEDRO ANUNSU, alguns rapazes ALANTESU estão lhes ensinando a dirigir o carro, adquirido recentemente dos madeireiros e não tardará muito para que ele, sem nenhuma prática, vá expor o seu carro no trânsito da BR-364, colocando em perigo sua própria vida e a de terceiros. Em mês de maio passado, por pouco não houve um acidente em frente ao PIN ANUNSU, quando o veículo dos índios ALANTESU, conduzindo várias pessoas, saiu repentinamente na estrada e quase foi colhido por outro veículo que passava no local. O carro dos indígenas estava sendo guiado pelo garoto PAULITO ALANTESU. Assim como ele, vários jovens ALANTESU dirigem o Toyota pela BR-364, sem nenhum conhecimento das regras de trânsito. É preciso alertar a Polícia Rodoviária Federal para que faça essa fiscalização, a fim de evitar futuros acidentes com perdas de vidas.

Finalizo este deixando os meus votos de consideração e estima.

VILHENA, 06 de Junho de 1993.

Atenciosamente,

Egipson Nunes Correia
Egipson Nunes Correia

Ch PIN ANUNSU

MINISTERIO DA JUSTIÇA
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO-FUNAI
ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE VILHENA-RO.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

Administração Regional Vilhena

Protocolo

Rubrica

Data

9858/93

17/06/93

CI. Nº 003/93

EM, 15 DE JUNHO DE 1993.

DE: CH. PIN ALANTESU

AO: ADMINISTRADOR REG. DE VILHENA

ASSUNTO: INFORMAÇÃO - FAZ

Senhor Administrador,

Através da presente venho informar a V. Sa. a situação que se encontra a Comunidade Indígena referente a venda de madeira (mógno), na qual estão totalmente envolvidos.

A situação desta Comunidade agrava-se a cada dia, pois o envolvimento dos índios desta comunidade com os madeireiros estão levando os índios sofrerem sérias consequências tais como:

Os índios estão levando uma vida totalmente diferente da qual é a sua realidade. Não estão plantando mais nada para a sua subsistência.

Poucas vezes que saem para caçar, Mulheres e filhos muitas vezes ficam sozinhas na Aldeia sem a companhia do marido, e estes se encontram em companhia dos madeireiros.

Segundo os índios, disseram-me que tinham feito um acordo com o madeireiro. Eles deixariam ser retirados 6.000m³ (seis mil metros cúbicos) de mógno da reserva, e em troca queriam que o madeireiro desse uma TOYOTA semi-nova juntamente com produtos alimentícios em geral. O madeireiro que fez este acordo é conhecido pelo nome de Anselmo, residente e tem serraria na cidade de Comodoro, todavia este madeireiro é mais um dentre os demais existente na reserva.

Este madeireiro construiu um acampamento dentro da área Indígena, onde vive acampado e pretende ficar lá até a retirada de toda madeira conforme acordo com a Comunidade. Neste acampamento encontram-se mais de 99% dos índios, pois os mesmos fazem a segurança do próprio madeireiro, para que ninguém venha interferir nos seus negócios, (venda do mógno).

Os índios falam que se FUNAI, Policia Federal ou IBAMA, vierem fazer a apreensão da madeira e espulsarem os madeireiros, que eles vão matar qualquer pessoa que comparecerem sem a autorização dos índios.

Devido a permanência constante dos índios no acampamento do madeireiro, ocorreu a morte de uma criança indígena de 01 ano e 10 dias de nascido. A criança era filho de Miltão e Luiana Alantesu, pois pais e filho viviam a mais de trinta dias em companhia dos madeireiros, sem comparecerem no PIN.

Anselmo entregou a TOYOTA que tinha prometido aos índios e semanalmente entrega aos mesmos um carro Toyota carregado de mercadorias alimentícias, e alguns tecidos. Através desta situação de mordomia que se encontram os índios do PIN Alantesu, faz com que os outros índios de PINS e Aldeias pratiquem os mesmos atos (envolvimentos com venda de madeiras).

EX. Aldeia Waikisu, PIN Anunsu e etec...os índios do Alantesu quando não estão em companhia dos madeireiros, estão na cidade de Comodoro. Alguns encontram-se fortemente armados transitando na cidade. O carro que o madeireiro deu a Comunidade muitas vezes é dirigido por índio de menor, saindo da reserva até a cidade. Este índio que dirige deve ter mais ou menos 14 anos, é filho do Cacique Kento, inclusive já aconteceu um acidente com uma Toyota dos índios do PIN Anunsu, devido não ser habilitado, desconhecedor de todas as normas de trânsito.

Neste corrente mês do dia 05, compareceu neste PIN uma D-20, Cabine dupla cor metálica prata, com cinco pessoas, sendo dois índios, uma mulher civilizada e dois homens civilizados, Os índios que acompanhavam são do PIN Alantesu, eram o Adolfo e o João Batista. E os demais alegavam que eram garimpeiros de Cuiabá; e tinham informações que havia ouro na reserva deste PIN.

Eles não quiseram identificar-se, recusaram-se a falar os seus nomes, e o carro não tinha placa.

Acredito que tenham tirado, para não serem identificados. Após eu, o Chefe do PIN identificarmos como funcionários da FUNAI, perguntei-lhes se tinham autorização para entrar na área indígena. Responderam-me que estavam autorizados de Brasília e que não queriam conversar com a FUNAI/ADR/VLH, responsável por aquela área. O objetivo dos mesmos era negociar somente com os índios. Disseram que iriam junto com os índios até o local Terra-Branca. E seguiram com destino ao local citado, encobriam-se em sua companhia um aparelho que iria acusar onde estava o metal desejado. Levaram junto com eles três indígenas para mostrar-lhes o local. Os índios imediatamente mostraram-se intusiasmados com a proposta dos estranhos.

Após retornarem da Terra-Branca, prometeram voltar na semana seguinte, disseram que fariam uma carta para analisar o teor do metal. No mesmo mês do dia 09, os índios adultos (homens) compareceram na Aldeia convidando-me para ir junto com eles fazer a apreensão do madeireiro que se encontrava na área sem autorização dos índios. Logo em seguida fomos até o local indicado pelos índios. Chegando lá encontramos dois caminhões, uma camionete D-20, um trator de esteira e muita madeira esplanada, juntamente com cinco elementos civilizados. Após identificar-me e dar voz de apreensão aos madeireiros, dizendo que máquinas e veículos estavam apreendidos por estarem atuando ilegalmente dentro da reserva indígena (roubando madeira) um dos elementos conhecido como Dêda, morador da cidade de Pontes-Lacerda discordou com a ideia de estar sendo atuado por funcionário e índios; rapidamente sacou uma arma (pistola calibre 765), dizendo que não iria entregar a arma e nem maquinários. Disse também que estava autorizado a retirar madeira desta área pelos índios Sanção do PIN Asusu e Renato Nambikwara. Os índios do PIN alantesu, após ouvirem o relato do madeireiro, passaram a discutir com os mesmos, ameaçando tirar a sua arma em luta corporal. Índios empurravam o madeireiro e o madeireiro empurrava também os índios, o madeireiro dizia que não iria se render, muito menos entregar a sua arma.

Preferia matar todo mundo sendo o primeiro a morrer eu, funcionário da FUNAI; Em certa ocasião da discussão com os índios, o madeireiro falou que funcionários da FUNAI estavam inflamando os índios contra os madeireiros, interferindo assim na re

157 - Anexo ...
ISA

tirada de madeira, e por este motivo iria matar-me em primeiro lugar.

Disse também que telefonaria para Brasília, para ' demitir todos os funcionários da FUNAI, que estivesse contra a retirada de madeira, pois ele falou que estava autorizado a atuar naquele local pela FUNAI de Brasília.

Neste momento o clima ficou mais tenso e houve novas ameaças de morte entre índios e o madeireiros. Foi neste momento que apareceu de repente o índio Sanção, o mesmo estava escondido dentro da camionete D-20. Ele passou a conversar com os índios do Alantésu no idioma deles. Em poucos minutos entraram em acordo, acabando com a confusão anterior. Madeireiro prometeu a eles que iria pagar a madeira. Convidou tres índios a lhe acompanhar até a cidade de Pontes Lacerda, onde iria fazer o pagamento. Os índios aceitaram, e o madeireiro continuou na área.

Atenciosamente.



Osni Schweppe

Ch. do PIN Alantésu.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO-FUNAI
ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE VILHENA

MEMO: Nº 006/93 de 16.06.93 FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI
DO: CHEFE DE POSTO SARARÉ
AO: ADMINISTRADOR REGIONAL DE VILHENA
ASS: INFORMAÇÃO (PRESTA)

Administração Regional de Vilhena
Protocolo nº 0861/93
Fóbrica
Data 17/06/93

Sr. Administrador.

Informo V. Sª, os últimos acontecimentos referentes ao PI Sararé na região que faz limite com a fazenda KANANKUE.

No dia 24/05/93 nos retiramos do PI em direção a área pois tínhamos ouvido barulho de moto serra dentro da Reserva. Ao chegarmos não encontramos vestígios de tratores nem caminhões, apenas rastros de bovinos e equinos. Depois de uma pequena investigação chegamos a uma conclusão: Eu juntamente com os índios, que, a madeira estava sendo cortada, esplanada e logo retirada através de junta de boi, de dentro da reserva para fora, e então levada por caminhões. Concluimos também que a pessoa que estava fazendo o tal roubo, seria o Sr. Geraldo Ornelas Menegguci, juntamente com os filhos, que já estiveram envolvidos com madeireiros em circunstâncias onde foi morto um peão pelos índios. Este senhor possui um sítio localizado a cerca de 800m da reserva por onde passa uma estrada de madeireiros, que é constantemente utilizada. Nesta época não foi possível localizá-los pois os mesmos estavam fora.

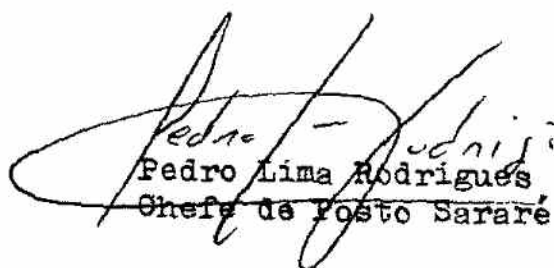
Novamente no dia 14.06.93 nos deslocamos para a mesma região e desta vez o trabalho tinha sido maior usando tratores de esteira e rodas, caminhões além de uma motocicleta, como se verifica pelos rastros. Abriam um carreador que em duas horas não foi possível chegar ao final. Tudo isso acontecendo a cerca de 800m do barraco do Senhor Geraldo.

Então, eu e os índios Danilo, Danielson, Matheus, Miro, Domingos e Armando fomos conversar com o sitiante em pauta. Depois de muita conversa onde ele sempre negava seu envolvimento e dizia não ter visto nada. Ele resolveu cooperar e disse o que tinha acontecido. Segundo o Sr. Geraldo mais os filhos José Ornelas Menegguci e Marciones Ornelas Menegguci, o madeireiro envi

do no roubo era de Cacoal-RO, juntamente com outro de Nova Lacerda que ele não sabia dizer os nomes, só afirmou que os dois estavam trabalhando com apoio de um funcionário da FUNAI que se dizia CHEFE. Ele não soube dizer o nome, pois não o conhecia, mas o filho do sitiante encontrou este pseudo funcionário novamente em Nova Lacerda com os madeireiro, e o descreveu como um homem de altura mediana, pelo que deu para entender olhos verdes e cabelos claros penteados para trás. Afirmou também que existe envolvimento de um tal senhor MUSSUM que é irmão do gerente da fazenda KANÃXUE, o senhor Luís Carlos Romuel.

Quando perguntado quanto tempo ficaram na área e quando tinham entrado, ele respondeu: que tinham permanecido na região quatro dias e entraram aproximadamente a dez (isto da exatamante o dia que me desloquei para a barreira) e que daquela região iriam para a área que ele chamou de cascata(PISCINA) seguidos por: 20 GUAXÉBAS (pistoleiros) várias máquinas e caminhões. Justamente a cerca de cinco dias houve um acidente envolvendo um caminhão de madeireiro próximo a esta área onde morreram dois e um ficou gravemente ferido.

Por todos esses acontecimentos e por ter certeza do envolvimento do Sr. Geraldo no caso passo a essa ADR que use as medidas judiciais cabíveis e apure o suposto envolvimento do referido funcionário.


Pedro Lima Rodrigues
Chefe de Posto Sararé



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDÍGENA - FUNAI

ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE VILHENA - RO

RELATÓRIO SOBRE O ENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE INDÍGENA ANUNSU
COM OS MADEIREIROS.

Na tarde do dia 19 de Junho de 1993, compareceram ao Posto Indígena Anunsu alguns índios ALANTESU para acertarem a retirada de madeira da Área Indígena, próximo a esse PIN. Junto com os ALANTESU veio também um madeireiro chamado ANSELMO, que disse já ter entrado em acordo com a comunidade ANUNSU sobre o assunto das madeiras,, durante a minha ausência do POSTO. A aldeia ANUNSU é composta de 21 pessoas e seus integrantes principais são ASSIGU, JORGE e AIÓKO.

Visitados constantemente pelos ALANTESU, a comunidade ANUNSU paulatinamente foi cedendo aos insistentes apelos destes para que vendam madeira e agora já não opõem nenhuma resistência, embora me afirmem o contrário quando erguntados.

Por seu lado, a comunidade indígena ALANTESU já mantém há vários meses um intenso contato amistoso com os invasores, facilitando a exploração de madeiras em suas terras e se mantendo fora do controle da FUNAI.

O madeireiro ANSELMO informou que em breve trará alguns alimentos e outros objetos solicitados pelos índios e em breve as máquinas iniciarão os trabalhos na Área Indígena. Ele pretende reavivar uma antiga estrada dentro da área que vai até o rio Piolhinho. Essa estrada, cuja extensão aproximada é de 05 (cinco) Km, foi usada anos atrás pelos garimpeiros que exploravam o minério de ouro no referido rio. Naquela época, melhor estruturada e com mais recursos financeiros, a FUNAI com muito esforço conseguiu expulsar os invasores. Na difícil situação atual em que se encontra o Órgão tutor do índio, mesmo assim todo o esforço deve ser envidado para evitar a reabertura dessa estrada, que trará como consequência uma avalanche de garimpeiros ao local, difícil de ser controlada.

Depois de conversarem demoradamente com a comunidade ANUNSU, os índios ALANTESU rumaram em sua viagem para o PIN LAHAIRISU, em um veículo Toyota, ganho dos madeireiros. Foram transportar um casal de



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
 FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI
 ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE VILHENA - RO

índios daquele PIN e com eles seguiram ASSIGU e AIÓKO, dois integrantes da aldeia ANUNSU que acreditam nas promessas dos madeireiros de que ganharão um carro Toyota novo. Todos regressaram no dia seguinte.

Sabedores de que o veículo do PIN MANAIRISU se encontra em VILHENA e que o titular daquele PIN está ausente gozando férias, os índios ANUNSU, que ocupam terras pertencentes aos índios MANAIRISU, se aproveitam desse fato e agem sem nenhum temor de serem molestados. Há inclusive no Pin ANUNSU uma família MANAIRISU que é favorável a venda de madeira e que pode perfeitamente convencer o restante de seu povo a aceitar a exploração de madeira em suas terras.

No momento, a comunidade ANUNSU está apoiando apenas timidamente os invasores, em face do temor que tem dos MANAIRISU. A partir do momento em que esta barreira cair, os índios começarão a hostilizar os servidores da FUNAI e o ritmo de depredação será ainda maior do que tem sido até agora. O momento atual é crítico e exige decisão rápida e segura. Os madeireiros vão investir pesado para conquistar a confiança dos indígenas e poder explorar esse lado da ÁREA, rico em ouro e madeira nobre.

Em síntese, era isso o que eu tinha para relatar. E para finalizar deixo uma sugestão no sentido de que o veículo Toyota do PIN MANAIRISU volte o mais depressa possível a permanecer naquele PIN, a fim de que os índios não sejam tentados a receber outro veículo dos madeireiros.

VILHENA, 23 de JUNHO de 1993.

Atenciosamente,

Egipson Nunes Correia
 Egipson Nunes Correia
 Ch PIN ANUNSU